

"O CASO DA VIOLAÇÃO DO PAINEL" (E A TV SENADO)

Transcrito e editado por Mônica Alterthum, Spensy Pimentel e Manoel Rangel

À beira do epilógico discurso de renúncia de ACM, reunimo-nos em um antro oposicionista na zona oeste de São Paulo, para especular sobre a cobertura da TV Senado para *O caso da violação do painel*, nova mania nacional, filme brasileiro recentíssimo, episódio de lições importantíssimas, senão para a vida nacional, certamente para o seu esquálido audiovisual.

Talvez levados pelo ambiente, ou ainda por algumas garrafas a mais, percorremos um sinuoso caminho que vai do futebol à novela, dos jornais às TVs, dos quadrinhos ao cinema, sem observar em que ordem os temas irrompiam, já que todos compareciam a propósito de investigar as razões que fizeram do filme a que assistimos, ou imaginamos, tal sucesso de público e crítica.

Tudo o que surgiu veio fortemente carregado pela política e pela observação da cena convulsa que o país atravessa. O filme a que assistimos insinua outro ainda mais estimulante e profícuo, que se desenvolve às sombras, longe dos holofotes e dos principais interessados, nós brasileiros comuns, marcado por traições, apostas financeiras, acordos e um flexionar de músculos que prepara a longa noite dos punhais em que vai transformar-se o processo sucessório do segundo mais longo reinado de um Presidente da República no Brasil.

Nos sentimos impelidos a ver mais, e ficamos todos penalizados ao lembrar quanta energia e quantos recursos gastam certos diretores e roteiristas, para realizar seus filmes insípidos e inodoros. Penalizados, pedimos mais uma porção de carne de sol com mandioca, uma coca-cola naquela garrafinha ridícula e duas cervejas. Afinal, o que fazer se o sujeito tem janelas em casa, mas não as abre para deixar o sol entrar?

Spensy – Viemos aqui motivados pela hipótese de a TV Senado ter sido um dos grandes, talvez o maior, acontecimento audiovisual do país este ano, mobilizando uma grande audiência, eu diria maior do que qualquer filme brasileiro do período, inclusive.

Alfredo – Eu arriscaria iniciar com a suposição de que tudo isso tem alguma coisa a ver com a crise do futebol brasileiro, da seleção, a ameaça de não entrar na Copa do Mundo, a carência de uma situação emocional à moda da Copa. Um Senador definiu os acontecimentos que levaram à renúncia do Arruda e devem levar à do ACM como uma paixão que tomou conta do país.

Em parte eu credito isso ao vazio deixado pelo futebol, que esteve muito presente na cultura brasileira nos últimos 50 anos e de cinco anos para cá virou uma piada, uma falácia. Eu confesso que vivi as mesmas emoções de uma final de Copa.

Não havia um roteiro escrito naquelas sessões, nem tudo estava definido *a priori*, como tudo geralmente acontece na política, você já sabe exatamente o que vai acontecer, as coisas já estão definidas nos bastidores. Houve uma impressão geral de que as coisas iam ser definidas numa disputa momento a momento, fala a fala, aparte a parte. Acho que essa sensação tem a ver com o futebol, a sensação de que as coisas estão em movimento e ainda estão por ser definidas ao vivo.

Maurício – É verdade, o drama humano ali se tornou fundamental para assegurar esse interesse das pessoas. É típico do cinema americano a mistura das questões políticas que envolviam o país com o drama humano. A Heloísa Helena ali, lutando pela recuperação do seu nome, do seu voto; o Arruda chorando desesperado, confessando que fez, “sim, fui eu, mas eu não queria”; e a Dra. Regina, desesperada, aquela pequena funcionária pública obrigada a contradizer anos, décadas de trabalho honesto, sendo empurrada pelo Presidente do Senado, uma instância maior obrigando-a a se corromper e corromper outros funcionários dela. Quer dizer, o drama humano que envolveu todas aquelas questões maiores e menores ao mes-

mo tempo é o que torna a narrativa ali brilhante, interessante.

Spensy – Nesse sentido, mais até do que com o futebol, há uma analogia com um outro grande acontecimento brasileiro, que é a novela, não?

Manoel – Afinal, quem matou Odete Reutmann?

Spensy – Não por acaso, aquilo acabou também contaminando a novela. Você teve mais de cinco pontos de incremento na audiência da novela das oito com aquele personagem do Lima Duarte inspirado no ACM. E foi uma bola de neve de contaminações. Além da novela, também teve o *Casseta & Planeta*, e isso acabou se refletindo na própria política da TV, marcando o rompimento simbólico da união da Globo com o ACM. Há boatos de que os filhos do Roberto Marinho estão querendo romper efetivamente com o ACM, passando a concessão da Globo para outro grupo empresarial dentro da Bahia, porque entendem que a coisa chegou ao limite. É um acerto político que funcionava desde 1987, quando ele foi o Ministro das Comunicações...

Manoel – Considerando a idéia que o Alfredo levantou, de que era um drama sem *script*, sem um roteiro inteiramente acertado, e que esse drama ganhou dimensão, poderíamos nos perguntar até que ponto a TV interferiu na montagem dessa situação.

Os primeiros episódios da novela foram discursos na tribuna do Senado, depois veio o depoimento da Regina, exibido apenas pela TV Senado, depois o depoimento do Arruda, exibido pela TV Senado, mas já começando a ser exibido por outros canais pagos, depois o do ACM, que polariza ainda mais a atenção da sociedade, até o momento da acareação. Aí é simplesmente a apoteose! É a TV Senado, a GNT, a Globo *News*, a Band



News, as TVs da rede aberta entrando com *flashes* e polarizando toda a cena nacional.

Mas até que ponto os Senadores não evoluem suas opiniões porque uma câmera está transmitindo ininterruptamente as imagens, o que eles estão dizendo, como eles estão agindo? Até que ponto o roteiro não está sendo construído pelo fato de o sujeito estar sabendo que na outra ponta da linha alguém reage ao que ele está falando, e tira suas conclusões?

Spensy – Como na novela... Que, por sinal, também tem a continuidade do seu roteiro definida a partir do Ibope. Nas colunas políticas houve muitos comentários so-



bre como os Senadores estavam reagindo a essa inesperada audiência de uma TV criada burocraticamente, com a idéia de transmitir discursos oficiais.

Manoel – Criada para valorizar os Senadores e os Deputados junto à opinião pública.

Spensy – Justamente. E os boatozinhos pseudo-engraçados de coluna política da Folha, o Senador nordestino que recebia *e-mail* do eleitor dele: “Ô Senador, troca a gravata. O senhor já apareceu três dias com a mesma”.

Rovilson – Não é novidade que há algum tempo a mídia estrutura a estética, a forma pública da política. Desde os detalhes, o horário dos eventos, o cenário...

Manoel – Basta ver época de campanha. O comício é feito para TV, para passar no programa do horário eleitoral...

Rovilson – Isso. Mas eu diria que não é só na política.

Spensy – No futebol também.

Rovilson – A mídia estrutura a realidade como cenário. As coisas já são montadas para a mídia. Elas não têm naturalidade.

Manoel – As manifestações: o cara vira e baixa as calças, mostra a bunda, ou leva uma pizza enorme... é um espetáculo.

Rovilson – Exatamente. Essa história do Senado foi o ápice disso. Eu não tenho dúvida de que, apesar de não ter um *script* definido, cada personagem ali definiu seu papel em função de estar na mídia num dado momento. A fala do Simon foi emblemática. Em qualquer novela mexicana caberia perfeitamente. O Senado vira novela e a novela virou realidade. A mídia trabalha com isso.

Manoel – Mas havia personagens épicos, que demonstravam plena consciência do momento histórico e não se renderam ao espetáculo, ao brilho da exposição. É a minha impressão do Senador do Amazonas, Jefferson

Peres, que fez suas intervenções de maneira pontual, incisiva, sem grandes preocupações com o espetáculo.

Talvez da nossa parte haja um superdimensionamento da presença da mídia na montagem dessa operação. Até que ponto, de fato, o roteiro ia sendo construído ali, pela presença da TV, ou nos bastidores, numa luta surda travada pelos grandes esquemas do poder no país, antecipando um jogo que nós vamos continuar vendo até 2002, mas sem a cobertura da televisão? Afinal, o drama continua a se desenrolar...

Spensy – Eu, por outro lado, acredito que, desta vez, a audiência percebeu tudo... o que lembra o nosso papo sobre *No limite*. Vejamos o depoimento da Regina. Não transpareceu nada “logicamente” armado. O tom que predominou no noticiário foi o seguinte: todos, fossem jornalistas, políticos etc., que viram, ficaram convencidos de que ela foi sincera. Ninguém ousou dizer que ela não estava sendo sincera. De alguma maneira a atuação dela teve uma aura, no sentido de as pessoas perceberem uma

verdade ali e terem se encantado com o fato de observar, em Brasília, palco máximo da política, alguém falando com sinceridade.

Rovilson – Eu diria que o que chamou mais atenção foi a sensação de que um poderoso pode ficar em xeque, como foi com ACM. O todo-poderoso ACM no banco dos réus: para a população, isso é atrativo.

Manoel – “É a volta do cipó de aroeira no lombo de quem mandou dar”

Alfredo – E o vilão da história não era nem o ACM. O que as pessoas mais temiam era o famoso “acordão”. Era o monstro...

Manoel – Mas não o “acordão” pelo seu componente político...

Alfredo – O “acordão” ia ser o apagão. Apagar a luz, acender a luz do teatro, acabar o drama: não ia ter final, o último ato, o ato que todo mundo esperava, o conflito final entre ACM e Arruda, a acareação. Quem conhece a política sabe que as figuras épicas acabam determinando o rumo das coisas, mas para a maioria o que predominou ali foi o dramático: a figura patética da Heloísa Helena e da Regina Borges, ACM tentando mostrar controle, mas alguns músculos denunciando que havia ali um profundo desconforto em estar na situação de réu, ser surpreen-

dido com o dedo em riste – aliás, lembrando o Othon Bastos de *São Bernardo*. Há quantos anos não víamos um desses personagens de dedo em riste?

Manoel – O coronel do Leon Hirzsmann saltando ao primeiro plano...

Alfredo – ...no meio dos modernos tecnocratas. Havia ali o fim de uma era. Eu não acho que seja realmente o fim de uma era, mas em termos dramáticos gerou-se essa ilusão, pois há o prazer de acreditar que ACM está morrendo, de achar que ACM estava lutando contra os tecnocratas, os banqueiros, o PSDB, Fernando Henrique... Por mais ilusório que fosse, gerou um dos raros momentos na história recente brasileira em que, no audiovisual, a gente viu toda a dramaticidade e o espetáculo da política.

A nossa política tem um lado espetacular. É feita toda em Brasília, a centenas de quilômetros dos grandes centros do país, oculta. E o brasileiro se despolitizou, perdeu a ciência do prazer que há no conflito político.

Rovilson – A fruição da política...

Alfredo – Foi um aprendizado para muita gente. Tem *script*, sem dúvida. Mas esse *script* é feito com alianças, acordos e traições.

Manoel – Segue existindo um componente de imponderabilidade na política, ainda que exista um jogo e as forças sociais e econômicas estejam por ventura muito claras.

Alfredo – Existe a força do acaso, a ação humana no jogo. O celular que toca de última hora com as informações-chave...

Spensy – Curiosamente, isso me leva a uma discussão clássica das histórias em quadrinhos. Por que é que nunca se conseguiu emplacar um super-herói brasileiro? Carece de verossimilhança. Os ficcionistas de um modo geral tiveram dificuldade em conceber um herói brasileiro, com caráter épico. Toda essa novela esfregou na cara desses autores



como há uma incompetência em construir essa verossimilhança. Os personagens potenciais estão aí, mas as pessoas não conseguem chegar até eles. Talvez já tenham conseguido em outros momentos, mas não nos últimos 20 anos, digamos...

Manoel – E é o supra-sumo da política nacional. A razão do espetáculo é banal. Chega a ser ridículo que se arme tudo aquilo em torno da violação de um painel em votação que chegou ao resultado esperado pela sociedade e pelo mundo político.

Spensy – O grande ACM pegou por uma fanfarronice diante dos procuradores. Gabando-se da traquinagem...

Maurício – E tendo que agüentar a piadinha do Pedro Simon, que circulou pelo Brasil inteiro. O cara na ilha que quer comer a mulher, mas, se ele não puder contar para ninguém, não tem graça. O ACM precisava contar aquilo para alguém...

Manoel – É intrínseco ao ato. De que adianta possuir a lista de uma votação secreta, se eu não puder, em algum momento, lançar mão das informações contidas ali?

Rovilson – Curioso é que, com tanta banalização, ninguém questiona qual o interesse que existia em obter o resultado da votação. O debate todo é se eles tinham a lista ou não. Mas, para que servia essa lista? Quais interesses moveram os dois? Num estupro, o cara violou e pronto. Não é o caso aí, o interesse não é óbvio.

Spensy – Curioso é que esse é o ponto cego do roteiro, só com uma grande pesquisa dá para saber o que as pessoas concluíram disso.

Manoel – É onde o roteirista perdeu o domínio da operação. E o que mais impressiona é como um personagem como o ACM, mesmo sendo o foco principal do ataque, pôde construir um discurso absoluta-

mente plausível. Quem pode negar a um chefe de Estado, terceiro na linha sucessória, o direito de alegar a razão de Estado, de mentir em função da defesa de um interesse de Estado? A sua saída é reafirmar a face mítica. O ACM, grande político, que desenha o jogo no país, busca na razão de Estado a sua desculpa esfarrapada para cometer um simples ato de voyeurismo.

Spensy – Curioso é que essa transformação do conflito político em novelinha acabou ajudando a abafar a CPI da Corrupção. O que era difuso, não tinha personagens definidos, acabou não conseguindo Ibope, enquanto aquilo que tinha dramaticidade foi o que mobilizou o povo, até os que se consideram mais esclarecidos.

Alfredo – Uma das críticas à CPI é justamente que ela tinha pontos demais, ou seja, nenhum ponto dramático, pontos difusos.

Rovilson – Que roteirista faria uma crítica mais apurada do que essa?

Alfredo – Os tucanos têm toda razão. Se eles lêem Syd Field, parabéns para eles.

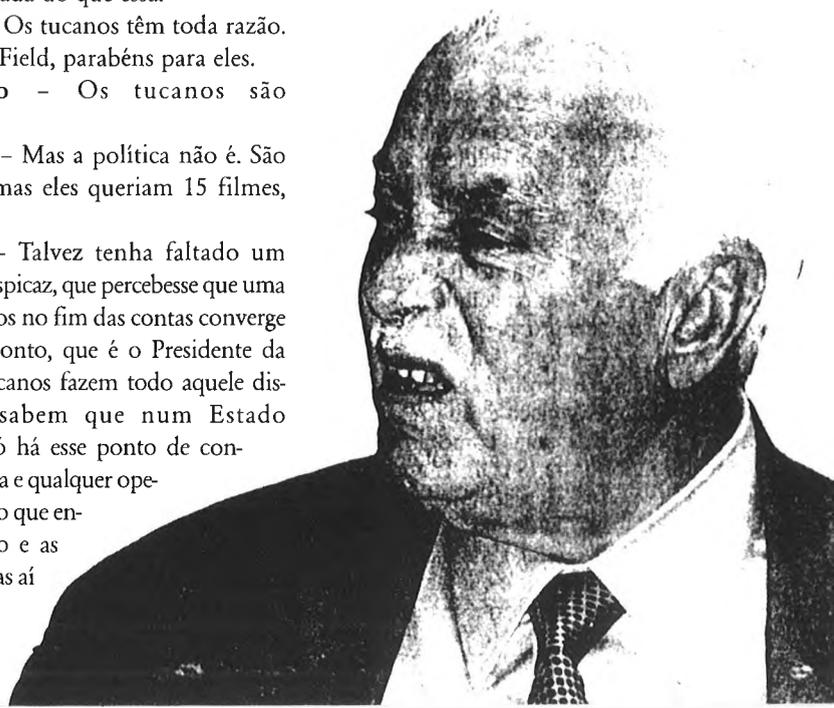
Maurício – Os tucanos são sidfieldianos.

Rovilson – Mas a política não é. São quinze pontos, mas eles queriam 15 filmes, não uma CPI.

Manoel – Talvez tenha faltado um roteirista mais perspicaz, que percebesse que uma CPI com 15 pontos no fim das contas converge em apenas um ponto, que é o Presidente da República. Os tucanos fazem todo aquele discurso porque sabem que num Estado presidencialista só há esse ponto de convergência para toda e qualquer operação de corrupção que envolva o Executivo e as relações incestuosas aí estabelecidas.

Rovilson – Isso mostra como é um drama consentido. O roteirista teve o objetivo de chamar atenção para um bloco dramático paralelo a fim de não mostrar o drama central que estava se desenvolvendo. O roteirista é o primeiro interessado em que não se vende a trama. O PSDB tentou jogar o Arruda na fogueira para trocar um peão por um bispo, por uma torre. Topou fazer isso claramente. Com muita dificuldade, mas conseguiram levar a cabo. Foi um jogo arriscado do Fernando Henrique. Mas eles conseguiram ir operando as variantes para ter o resultado que tiveram. Centraram no drama paralelo, secundário, e conseguiram cortar todos os canais que esse drama tinha com o drama principal, ou seja, o porquê da lista, que era o que levava ao Presidente.

Manoel – Me ocorre outra coisa, a relevância dessas imagens a que a gente assistiu. De certa forma há uma lição para quem está envolvido com o audiovisual, que é a de como



é dispensável o fetichismo da imagem, a estilização absurda. Toda transmissão da TV Senado era absolutamente convencional. Pior do que convencional, enquanto linguagem audiovisual era praticamente nula. O que fez o drama pulsar foi as pessoas estarem assistindo...

Spensy – Uma boa história...

Manoel – Uma boa trama, construída com personagens densos, contradição, drama humano. Muitas vezes essas coisas se perdem no maneirismo dos roteiros, da decupagem. Isso você vê no cinema brasileiro atual, como o cara mergulha no fetichismo do plano-seqüência, da edição rápida, e perde o foco.

Rovilson – A técnica passa a jogar um papel maior do que a própria história, que fica relegada a segundo plano.

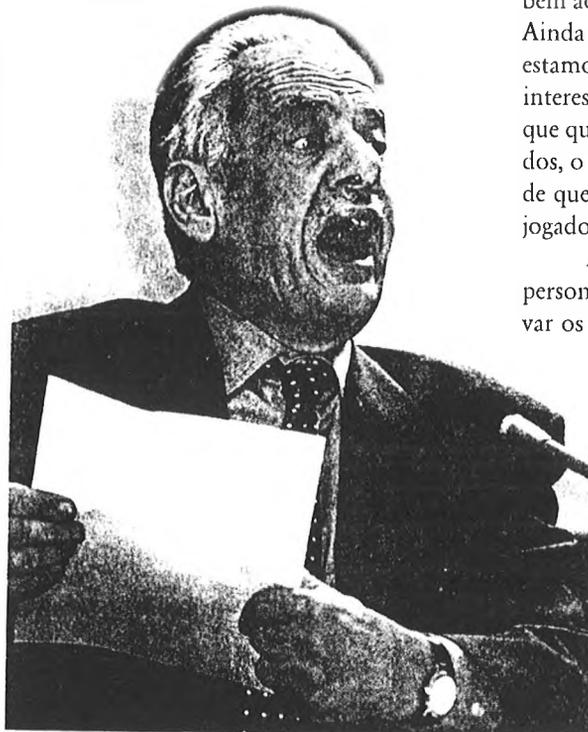
Alfredo – E quem teve a sorte de ver o filme pela edição dos grandes jornais, acompanhou só um veredito feito pelos jornalistas, um veredito de linchamento. Houve um revanchismo da imprensa contra um governo que gerou poucas notícias nesses últimos seis anos, poucas polêmicas, poucas CPIs. A imprensa também se vingou com esse alarde todo, que não foi tão bem direcionado como poderia ser.

Quem acompanhou o drama sem cortes viu nuances mais interessantes. A Regina, por exemplo, tomando uma decisão de risco, ela sabia que estava enfrentando os maiores caciques do cinema... [risos] Quer dizer, da política brasileira (acho que o ato falho tem a ver...). O que foi que levou a Regina, afóra o fato de ela ser tucana, a tomar a atitude que ela tomou? Quem de nós não pagaria para estar numa situação de cometer um ato absolutamente irreversível? Ela, uma burocrata, convivendo com Senadores durante anos, e de repente um gesto pode acabar com tudo.

Rovilson – Seu dia de Macabéia.

Alfredo – Pular no abismo... Eu vi nos olhos dela, quando ela entrou no Senado, o desespero, a vergonha, mas também vi esse sentimento que nunca uma personagem teve no cinema brasileiro nos últimos 20 anos, de se jogar no abismo, ter um gesto radical. São gestos fascinantes em termos dramáticos.

Manoel – O limite do humano...



Spensy – Isso lembra o que o Alfredo diz sobre os personagens do Godard, como era mesmo?... Personagens sempre prontos para matar ou morrer...

Alfredo – É verdade. Essa é a grande tradição do cinema moderno. “Tempo de viver, tempo de morrer”. No cinema brasileiro contemporâneo, os personagens vivem administrando a sua miséria, seu ressentimento, seu futuro, não há personagens como a Regi-

na, que se joga no abismo e puxa a história com ela. Imagina, você poder mudar a história do país, só com uma fala? Que prazer ambíguo! Ela viu o abismo e pulou nele. É fascinante. E é algo que o brasileiro não põe na tela desde Glauber, desde *Terra em transe*, desde *São Bernardo*.

Manoel – Mas tudo isso remete também ao simulacro que foi todo esse processo. Ainda que haja um interesse audiovisual que estamos discutindo aqui, ainda que haja o interesse da revelação das tramas da política que quase sempre só aparecem para os iniciados, o que nós vimos é simulacro no sentido de que nenhum lance histórico estava sendo jogado ali nas sessões da Comissão de Ética...

Alfredo – Não, eu concordo... Mas a personagem, que motivação ela tinha? Preservar os funcionários? Pelo amor de Deus!...

Manoel – Mas ela é heróica. Veja, se eu admito o pressuposto do roteiro, o que ela fez equivale a salvar uma escolinha com 40 crianças (como aquelas pichações em São Paulo, da professora Cida Marcondes, “a que salvou 41 crianças de um incêndio numa escola” e por isso você devia votar nela). No roteiro, não havia nada de mais elevado do que os dois gestos que a Regina cometeu. O primeiro, de salvar todos os que estavam abaixo

de si. Isso é um discurso que qualquer sociedade humana valoriza de maneira profunda. A pessoa que se oferece como mártir, como Jesus Cristo...

Spensy – Eu discordo. Não foi esse discurso dela que impressionou. Foi a performance.

Manoel – Uma boa performance, sem dúvida. Mas porque o discurso tinha força e era verdadeiro.

Maurício – Eu acho fundamental ali o papel do Pedro Simon. Ele cumpriu o papel fundamental de alinhar a narrativa, era aquele personagem que se colocava de fora e o tempo inteiro comentava. Em vários momentos ele narrou a história do começo ao fim, para quem não tivesse percebido tudo. Foi ele quem construiu definitivamente o personagem da Regina. No final, a dona Regina, heróica, assumiu a responsabilidade para si e agüentou o tranco: “Eu protejo quem está abaixo de mim, eu levo a história adiante, e estou pronta para ser crucificada pelos meus erros”. Simon enfatizou e remontou o personagem. Sem ele a narrativa não teria ficado tão clara. Ficou uma narrativa moderna. É a questão clássica da narrativa moderna: uma pessoa para explicar passo a passo para aqueles que não entenderam.

Rovilson – A gente deveria fazer um *link* dessa questão com outros dramas vividos recentemente na mídia. Por exemplo, houve também um filme, talvez menor, mas acompanhado também de maneira intensa pela população: o caso Lalau. Gerou-se toda uma sensação de pertencimento, grandes emoções, numa época em que as pessoas quase não têm vivência social. E a morte do Covas? Foi um roteiro de dramalhão. O repórter no cemitério, caminhando, com uma música no fundo, ele vira com os olhos de quem ia chorar: “Aqui será enterrado Mário Covas”. O interessante é que alguém percebeu que ele tinha sido um dos espancados na Avenida Paulista naquela manifestação dos professores contra o Covas. Ou seja, o personagem dele era de profunda consternação com a morte do Covas e foi tudo construído assim. A mídia vem trabalhando muito com essa carência da dramaticidade.

Alfredo – A mídia, mais do que ninguém, acredita nos seus próprios mitos. Ninguém lê mais jornal do que os próprios jornalistas.

Spensy – Eu acho que há uma diferença básica entre esses casos que o camarada citou e esse do Senado, pelo seguinte: no caso do Lalau, o protagonista se recusou a atuar. Ele não quis aparecer de maneira nenhuma. A mesma coisa do Cacciola, do Sérgio Naya.



Eles se recusam a atuar. De certa forma, negam-se a gerar dramaturgia. E o Covas, morto, também não tinha como atuar. Por isso, não são histórias que rendem. Agora, no caso da nossa novela, a grande sacada é que as pessoas se dispuseram a atuar.

Manoel – Porque é da natureza da política. O ACM pediu para depor, pediu a acareação. Se o político tem densidade, sua natureza, quando acuado, é fugir para frente.

Por isso o Arruda soava meio envergonhado, pusilânime, farsesco. Ele não desperta simpatia de ninguém.

Alfredo – A fisionomia dele gera suspeita.

Manoel – É possível ter simpatia pelo ACM no drama, é possível ter simpatia pela Regina. Agora, o Arruda...

Alfredo – É como aqueles pistoleiros do Sérgio Leone, a malvadeza, a cara de falta de sentimento...

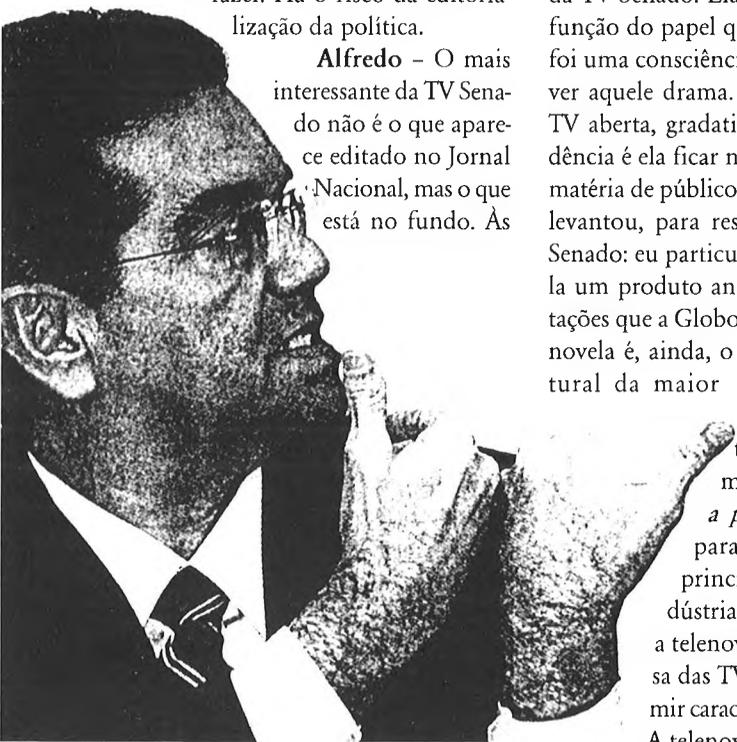
Maurício – Aquele verme, que vai trair o cara na última hora. É o Sapulha.

Alfredo – Eu queria colocar a questão de como a TV Senado, recentemente, vem encontrando o papel da televisão brasileira. A novela é consensualmente um produto defasado e anacrônico, só sustentado porque a TV Globo é um monopólio e não precisa competir para se fazer valer (quando compete com o SBT, perde). Se estivesse competindo com algo de melhor qualidade, certamente estaria perdendo. A TV Senado mostrou um potencial. É difícil perguntar “o que a TV pode fazer”. Novela é um produto da TV. Telejornalismo é TV. Tem gente que diz que *talk-show* é algo típico da televisão. Eu tendo a concordar, mas não acho que seja um produto de tanta relevância assim. Agora, monitorar a atividade parlamentar está se mostrando uma atividade fantástica da TV, principalmente no caso do Brasil, que tem uma carência de cultura política. A TV Senado tem que virar uma TV aberta. Ela é um profundo aprendizado. Tem amigos meus que assistem à TV Senado porque aprendem, captam informações, gostam de ver como os Senadores falam, gostam de ridicularizar...

Manoel – Desde que o modelo seja o da TV Senado, que, por conta do jogo de forças políticas se obriga a dar um tratamento, não diria neutro, mas que permite o

surgimento do contraditório, ou do drama, como diz o Spensy. A Globo, aqui em SP, no seu jornal local, tem feito um grande esforço para fazer uma cobertura política, particularmente na Câmara Municipal, onde houve o escândalo no ano retrasado. A cobertura da atividade política é uma cobertura editada pela sua visão, uma manipulação do jogo que lhes interessa. Ela vai montando o discurso, como historicamente se mostrou capaz de fazer. Há o risco da editoria-
lização da política.

Alfredo – O mais interessante da TV Senado não é o que aparece editado no Jornal Nacional, mas o que está no fundo. Às



vezes está o Suplicy falando e você vê lá no fundo alguém rindo, um Senador fazendo gestos para o assessor, o assessor passando bilhete. É o jogo da política que está nos fundos do campo-contracampo da TV Senado. Eu me diverti muito com aquilo. Ver como os políticos montam seus discursos a partir da ajuda de assessores. Embora isso possa pa-

recer óbvio, não é para muita gente. Cada discurso é preparado por equipes que disputam entre si, têm celular, bip, têm reações involuntárias que são captadas pela imagem, desfocada às vezes. Eu peguei vários momentos interessantes que não foram para a Globo e que mostram as arestas da política, o conflito que não é chapado.

Rovilson – Mas eu tenho a impressão de que a gente não pode supervalorizar o papel da TV Senado. Ela teve o Ibope que teve em função do papel que a TV aberta jogou. Não foi uma consciência que se encaminhou para ver aquele drama. Foi tudo construído pela TV aberta, gradativamente. Acho que a tendência é ela ficar novamente restritíssima em matéria de público. Uma outra coisa que você levantou, para ressaltar o problema da TV Senado: eu particularmente não acho a novela um produto anacrônico. Apesar das limitações que a Globo tem para se manter, a telenovela é, ainda, o produto da indústria cultural da maior importância no nosso país

e será assim por muito tempo. Nós não deveríamos ter uma visão de negar *a priori* a telenovela, que é, para o bem e para o mal, o principal produto da nossa indústria cultural. A tendência é que a telenovela e a TV aberta, por causa das TVs fechadas, passem a assumir características mais popularescas. A telenovela cumpre um papel fundamental nisso. A TV Senado teve sua glória, mas é na TV aberta que se prepara esse momento.

Spensy – Com relação à TV Senado voltar ao patamar anterior após esse *boom*, eu discordo. Acho que está aberto um processo sem volta. Faz dois ou três anos que essas TVs estão sendo implantadas, e os pró-

prios Senadores ainda estão aprendendo a lidar com elas. Esses cordões de marionete, essa visão do que está atrás do palco, tudo vai começar a ser conscientemente ocultado. Não sei o que pode vir ainda. Com relação à novela, pode ser que ela se mantenha, mas certamente vai ter algo disso que os programas popularescos estão apresentando, essa confusão entre a pessoa e o personagem. Nos últimos anos, as novelas que mais fizeram sucesso foram as que perceberam isso. Mesmo outros programas de sucesso investem nessa aposta, nessa confusão que é também entre público e privado.

Manoel – A cobertura e o interesse de “o caso da violação do painel” têm a ver com a confusão entre personagens dramáticos e realidade, de as pessoas saberem que aquilo tudo tem conseqüência, tem desfechos reais. A punição é punição mesmo, a dor é dor mesmo. É o fascínio da realidade.

Alfredo – A novela *Laços de família* já trabalhou com personagens que na vida real fazem as mesmas coisas que os atores.

Spensy – A Regina quebrou o estatuto da política. O choro do Arruda era perfeito dentro do estatuto da política. Mas ela rompeu com aquilo, teve um choro que não era político, era “pessoal”.

Maurício – Ela era mulher, era mãe, era amante. Ela precisava salvar o marido.

Manoel – Será que a renúncia do Arruda e do ACM conferem ao filme um final propriamente hollywoodiano? O ACM pode voltar ao Senado dentro de um ano e meio.

Maurício – Justamente por causa disso. Se estão pregando o fim da era ACM, isso é hollywoodiano por excelência. Querem que todo mundo acredite que acabou. Diferente do Arruda, que pregou “eu voltarei”, o ACM fica na dele. Ele prefere voltar à obscuridade

e retornar quando tiverem esquecido dele. Ele faz questão desse final hollywoodiano, do fim de uma era.

Alfredo – Por isso eu acho que o aprendizado da TV Senado é duro, mas é válido. Nada tem fim. Realmente espero que a TV Senado vire uma TV aberta, porque, embora seja chata, mostra que a história é um pouco chata, nada acontece de uma hora para outra.

Manoel – Passam anos, sessões e sessões sonolentas para surgir um caso do painel.

Alfredo – Todos os caras do PFL têm que falar até a Heloísa Helena falar.

Manoel – É mais filme de personagem do que de enredo, porque a história em si não tem interesse, é um pretexto. Violou ou não violou o painel? Alguém está preocupado? O povo queria ver a lista, estaria de acordo com ACM e com Arruda que a viram. No fundo é um filme de personagens, não de história.

Spensy – Curiosamente as entrevistas com sociólogos e análises políticas têm advertido que esse protagonismo do ACM é falso, na medida em que os coronéis como ele já não são mais protagonistas dessa política brasileira há um bom tempo.

Manoel – Sim e não. Porque o ACM coronelzão também está traçando uma trajetória de modernização. Na mesma linha, ou mais radical do que os tucanos. Ele é dono da TV Globo, de empreiteira, está metido em grandes operações financeiras. FHC supostamente põe a lápide sobre esse coronel, mas ao mesmo tempo lhe dá protagonismo.

Spensy – É falso porque ao mesmo tempo ele estava passando a perna nesse protagonista. Não se esqueça que os boatos dizem que a Globo está querendo tirar a concessão dele. E esse governo, enquanto capacho do FMI, não investe em infra-estrutu-

ra e também está f*** com as empreiteiras. Não há mais grandes obras públicas. Os grandes financiadores das campanhas dos tucanos não são mais as empreiteiras.

Rovilson – O problema é que a gente pode comemorar algo completamente desinteressante. Tudo bem, está se fechando o período de um tipo de coronel, um tipo de política. Essa política está sendo superada? Eu acho que não. Há a chamada nova direita, que é exatamente o coronel moderno. Fernando Henrique tenta passar a visão de que “teve” que conviver com isso, conviver com o Jader e o ACM.

Spensy – Ele está se aproveitando desse Titanic do ACM para forjar essa idéia. Mas, fechando a questão do enredo, tem um outro aspecto, que inclusive o *ombudsman* da Folha lembrou. Toda essa história de gabinete não deu espaço para a movimentação da famosa “voz das ruas”, que aconteceu em várias capitais, consolidando, sobretudo entre os estudantes, uma boa capacidade de mobilização. Para cada espancamento desses na Paulista ou em Salvador, são mais dez que vão acabar se juntando àquilo. Esse é um outro lado desse *script* que acabou ficando em segundo plano, porque a história se centrou mais nos personagens, no gabinete.

Alfredo – Faltou mais. Faltou a vida privada. Interessante a descrição da casa do Arruda que a Regina fazia. O filho tocava violino, o Arruda atendeu de roupa esporte... A imaginação nacional de como um Senador corrupto atende uma funcionária, ao som de violino, para comandar um gesto de corrupção. Como um diretor filma essa cena? Qual o figurino? Nem o Sérgio Bianchi saberia fazer. Eu faria um apelo ao Arruda:

não quero saber da lista: me conta os detalhes da sua casa. Eu quero fazer um filme com essa cena. Você atendendo a Regina, o som, o figurino.

Manoel – Ou melhor: agora que você é desempregado, não quer ser personagem do meu filme?

Spensy – O *Cronicamente inviável* não tem nada que chegue aos pés do ACM com o dedo em riste.



Manoel – O Leandro pediu para registrar que esse caso do painel foi o melhor filme brasileiro que ele viu nos últimos tempos. Acho que *Cronicamente inviável* perdeu o seu lugar de filme da década – como a *Sinopse* havia proclamado no ano passado – para *O caso da violação do painel* [aplausos.]